

O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

“Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 23).

Yasmin Nascimento da Silva; Joseval dos Reis Miranda

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, UFPB – Campus I yasminnascimento@yahoo.com.br; Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo principal compreender como as professoras do ciclo de alfabetização na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Tivemos como objetivos específicos identificar e analisar qual a concepção sobre a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento na visão das professoras dos ciclos de alfabetização e analisar de que forma é organizada e desenvolvida a aula pelas professoras no ciclo de alfabetização ao utilizar os gêneros textuais. As interlocutoras da pesquisa foram professoras do segundo e terceiro anos de uma escola municipal de João Pessoa. Como metodologia de pesquisa, foi priorizada a abordagem qualitativa, fazendo uso das ferramentas de observação e entrevista semiestruturada. Buscamos apoio nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1992), Bakhtin (2000), Schneuwly e Dolz (2004), entre outros. Os resultados da pesquisa apontam que de acordo com o que foi observado na instituição onde foi realizada a pesquisa, o uso dos gêneros textuais ainda não é tão frequente, e poderia ser mais explorado no dia a dia dos alunos, priorizando suas vivências e fazendo ligação com os conteúdos ministrados pelas professoras em sala de aula; diante das observações feitas nas duas salas, o uso dos gêneros é diferenciado, pois percebemos realidades diferenciadas com relação à inserção dos gêneros, pois das duas professoras observadas, apenas uma incluía os gêneros textuais em sua aula e claramente observamos resultados positivos com relação à leitura e escrita das crianças.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Gêneros Textuais, Ciclo de Alfabetização.

Introdução

É comum encontrarmos os gêneros textuais em nosso cotidiano, pois diariamente, quando temos a necessidade de nos informar recorremos a notícias, ou quando precisamos nos comunicar utilizamos bilhetes, cartas, avisos, entre outros. Diante disso, podemos notar o quanto utilizado o gênero textual é importante e presente no nosso cotidiano.

Os gêneros textuais quando trabalhados no processo de alfabetização são de fundamental importância para que a criança consiga não só

decodificar algum texto, mas que ela consiga de fato entender a mensagem que determinado texto quer passar para ela, pois ser alfabetizado vai além de saber ler e escrever. Além da sua contribuição para o processo de alfabetização, a inserção dos diversos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização contribuirá para que o aluno desenvolva gosto pela leitura. Pois o incentivo pela leitura desperta no aluno a curiosidade, descoberta de novas informações e conhecimentos. De acordo com Souza e Mazzio:

[...] capacitar o aprendiz a fazer uso das linguagens oral e escrita nas mais diferentes situações comunicativas, o que é essencial para sua plena participação social como cidadão. É apresentada, portanto, uma diversidade de gêneros e portadores de textos, além de temáticas variadas, privilegiando o trabalho com a leitura, a oralidade e a escrita (SOUZA; MAZZIO, 2008, p.04).

Isso posto, muitas pessoas confundem gêneros textuais com tipos textuais, que apesar de terem conceitos diferentes, ainda existe quem os mistura. Os tipos textuais são caracterizados por propriedades linguísticas bem definidas, onde o leitor pode facilmente identificar a tipologia textual na qual determinado texto está inserido. Ou seja, é a estrutura das sequências linguísticas descobertas nos textos, em poucas palavras é como o texto se apresenta para o leitor.

Os tipos textuais são divididos em cinco grupos: Narrar, Expor, Argumentar, Instruir e Relatar. Para definirmos os tipos textuais Marcuschi (2002) afirma que temos que nos atentar a alguns itens que compõe a estrutura do texto. “Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}.” (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23).

Em seguida, podemos analisar os gêneros textuais mais comuns a cada tipologia teóricas dos tipos (Werlich, 1973): **narrativo-** (enunciado de ação, verbo de mudança no passado, referência temporal e espacial) **expositivo-** (exposição sintética pelo processo de composição; exposição analítica pelo processo de decomposição, relação parte-todo), **argumentativo-** (enunciado de atribuição de qualidade, juízo de valor, verbo ser no presente), **injuntivo-** (enunciado incitador de ação, verbo no imperativo, uso do modalizador deve) e **descritivo-** (enunciado de estrutura simples, verbo estático no presente).

A narrativa é infinita pelo fato de sempre se reinventar, a forma que eu narro hoje provavelmente será diferente da forma que narrarei amanhã, mesmo sendo a mesma história, essas são as infinitudes de narrar um fato, na qual significa contar um fato descrevendo seus detalhes e todo fato tem que possuir um determinado tempo, local

e tem que possuir começo, meio e fim. Podemos citar como exemplos: Conto, fábula, lenda, narrativa, romance, novela, crônica literária, adivinha, piada, entre outros.

Expor é apresentar diferentes formas de conhecimento ou fatos, por diversos meios, seja ele para poucas ou muitas pessoas. Podemos citar como exemplo os gêneros: Exposição, seminário, conferência, comunicação oral, palestra, verbete, artigo enciclopédico, relatório científico, entre outros.

Argumentar é defender seu ponto de vista sobre alguma coisa, conseguindo meios para provar que seu ponto de vista é correto, portanto argumentar é expressar opinião, utilizando argumentos e fatos para defender um ponto de vista e convencer outra pessoa. Como exemplos, temos: Carta a leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate, assembleia, discurso, resenha, artigos de opinião, editorial, entre outros.

O tipo instrutivo ou injuntivo procura ser o mais claro possível, pois é a partir daí que o leitor tomará conhecimento de como deve agir em determinada tarefa. Diante disso, instruir é orientar alguém, compartilhar conhecimentos e aprender. Como exemplo tem: Instrução de montagem, receita, regulamento, regras de jogo, instruções de uso, comandos diversos, tutoriais, entre outros.

Relatar ou descrever é contar fatos reais ou experiências vividas, situando-as no espaço e no tempo, temos como exemplos: Relato, diário, testemunho, caso, autobiografia, currículo, notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva, ensaio, biografia, entre outros.

Os gêneros textuais estão por todos os lugares e em vários momentos do nosso cotidiano. Os alunos podem identificar exemplos no jornal que chega a sua casa ou que o pai compra na banca, nos panfletos que entregam na rua, num livro que contém um poema ou um cordel. Gêneros textuais estão por todos os lugares, mas o que são os gêneros textuais?

O gênero textual é a forma como a língua é empregada em diferentes circunstâncias de comunicação. Todo texto tem o objetivo de estabelecer algum tipo de comunicação e cada tipo de texto tem características básicas que farão que assim possamos identificar a qual gênero ele pertence. Um texto não é obrigado a ter apenas um gênero textual, mas um se sobressairá. Para Bakhtin, “as formas dos gêneros são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua” (BAKHTIN, 2000, p.283).

Estruturas que compõem textos, escritos ou orais, são gêneros textuais. São estruturas que geralmente assemelham-se, possuem características comuns, buscam atingir intenções comunicativas e ocorrem em situações particulares. Considera-se que variadas configurações de linguagem que estão em constante presença em nossa

sociedade e em nosso cotidiano, sejam eles formais ou informais. Cada gênero textual tem um estilo próprio, na qual pode então, ser diferenciado e identificado dos outros gêneros textuais através de suas características particulares. Para Marcuschi (2005):

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociais comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23).

Desse modo, podemos citar como exemplos de gêneros textuais:

Propaganda: é um gênero textual dissertativo-expositivo que tem o objetivo de propagar informação sobre algo e sempre tentando atingir e influenciar o leitor.

Receita: é um gênero textual descritivo e injuntivo que tem como objetivos instruir o leitor a realizar de maneira correta a comida desejada, onde irá informar os ingredientes adequados e seu modo de preparo e sempre utilizará os verbos no modo imperativo, na qual indicará uma ordem.

Reportagem: é um gênero textual jornalístico de caráter dissertativo-expositivo. Onde tem objetivo de trazer a notícia ao leitor de maneira clara e objetiva.

Bula de medicamento: trata-se de um gênero textual descritivo, dissertativo-expositivo e injuntivo que traz as informações necessárias para o leitor utilizar de maneira correta o medicamento.

História em quadrinhos: é um gênero narrativo que consiste em histórias contadas em pequenos quadros que misturam imagens e textos, promovendo diálogos entre personagens envolvidos na história ou até mesmo diálogos com leitor.

Charge: é um gênero textual narrativo, que é um desenho humorístico que pode vir com ou sem legenda. E tem por objetivo, na maioria das vezes, realizar uma crítica, sátira ou comentário sobre algum acontecimento da atualidade.

Adivinha: é um gênero cômico predominantemente dialógico, onde uma pessoa pergunta alguma questão enigmática para outra e a pessoa tem que refletir um pouco para descobrir a resposta.

Boletos e faturas: Nesses gêneros é predominante o tipo descritivo. Nestes casos é dada informações de um indivíduo ou empresa. O tipo injuntivo também está presente, através da orientação que cada um traz.

Canção: A tipologia narrativa que está presente neste caso, à canção tem estruturação

em estrofes e as rimas. Quase sempre tem uma interação direta com os instrumentos musicais.

Além dos gêneros citados podemos citar a mais: Romance, Conto, Artigo de opinião, Lista de compras, Carta, Telefonema, Aula expositiva, Debate, Reunião de condomínio, E-mail, Relato de viagem, Lenda, Fábula, Biografia, Seminário, Piada, Relatório científico.

Marcuschi (2008) sugere uma abordagem dos gêneros textuais por domínio discursivo e modalidades. Então o domínio discursivo segundo ele seria:

Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Diante do que foi citado acima podemos inserir alguns exemplos das suas modalidades:

Científico: Artigo científico, verbete de enciclopédia, nota de aula, nota de rodapé, tese, dissertação, trabalho de conclusão, biografia, tabela, mapa, gráfico, resumo, resenha, etc.

Jornalístico: Editorial, notícia, reportagem, artigo de opinião, entrevista, anúncio, carta ao leitor, resumo de novela, capa de revista, expediente, programação semanal, debate, etc.

Religioso: Oração, Reza, Lamentação, Catecismo, Homilia, Cântico religioso, Sermão, etc.

Comercial: Nota de venda, nota de compra, fatura, anúncio, comprovante de pagamento, nota promissória, nota fiscal, boleto, código de barras, rótulo, logomarca, comprovante de renda, curriculum vitae, etc.

Instrucional: Receita culinária, manual de instrução, manual de montagem, regra de jogo, roteiro de viagem, contrato, formulário, edital, placa, catálogo, glossário, receita médica, bula de remédio, etc.

Jurídico: Contrato, lei, regimento, regulamento, estatuto, norma, certidão, atestado, declaração, alvará, parecer, certificado, diploma, edital, documento pessoal, boletim de ocorrência, etc.

Publicitário: Piada, adivinha, charge.

Interpessoal: Carta pessoal, carta comercial, carta aberta, carta do leitor, carta oficial, carta convite, bilhete, ata, telegrama, agradecimento, convite, advertência, bate-papo, aviso, informe, memorando, mensagem, relato, requerimento, petição, ordem, e-mail, ameaça, fofoca, entrevista médica, etc.

Ficcional: poema, conto, mito, peça de teatro, lenda, fábula, romance, drama, crônica, história em quadrinhos, etc.

Para Bakhtin (1979), os gêneros do discurso se distinguem em dois aspectos: o simples e o complexo. Os gêneros de aspecto simples são os de discurso primário e os de aspecto complexo constituem os de discurso secundário.

Sobre os gêneros primários, Bakhtin (1979) evidencia que são os que se incluem em situações de uma comunicação verbal espontânea, ou seja, os gêneros primários são aqueles gêneros que fazem parte da esfera cotidiana das pessoas, isto é, são os que se arquitetam em situações espontâneas de uso da linguagem, como no dia a dia.

Segundo Bakhtin (1979), os gêneros secundários surgem nas condições de interação, as quais apresentam situações de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e organizado, ou seja, os gêneros secundários são textos que geralmente são caracterizados pela escrita que fazem parte de um uso mais formalizado da linguagem. Para se caracterizar em primário ou secundário não se deve levar apenas em consideração os modos de expressão escrita e oral. Para o autor, os gêneros secundários absorvem informações e modificam os gêneros primários, pois os gêneros secundários possuem um maior grau de complexidade. Como afirma a seguir:

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...] (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Diante disso, no processo de ensino-aprendizagem não basta apenas disponibilizar as várias opções de textos para os alunos, são necessários que tanto o professor quanto o aluno reflitam sobre determinado gênero, analisando sua utilização. É preciso trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como objeto linguístico.

Não podemos esquecer que a criança traz consigo sua palavra, e é preciso que levemos em consideração sua opinião na tomada de decisões, pois a criança é ator social e está inserida no contexto da nossa sociedade e assim exercitar a oralidade.

Mesmo que as crianças ainda não tenham o domínio da escrita e da leitura é importante que professores e responsáveis contem histórias, distribuam imagens, escutem histórias presentes no cotidiano como notícias de jornais e revistas.

É importante que a criança observe e reflita sobre os gêneros textuais e sua utilização na

vida cotidiana. Não se deve apenas explorar os gêneros em sua forma escrita, mas valorizar sua forma oral, pois não transmitimos informações e conhecimentos apenas por textos escritos. Podemos passar informações relevantes para uma pessoa que sabe ler ou não apenas pela oralidade. Isso pode se tornar formal ou não.

A criança já chega à escola tendo seus conhecimentos prévios sobre os gêneros textuais, basta o professor saber aproveitar isso, pois mesmo que a criança não saiba ler nem escrever ela já tem informações sobre o que é um noticiário, uma música, um comercial e a partir daí o trabalho com os gêneros vai se tornar mais dinâmico e significativo para a criança. Como afirma o Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa no que diz respeito aos gêneros orais.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia-a-dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (BRASIL, 1998, p.24).

Assim, com base nisso, os professores podem pensar em atividades onde possam desenvolver o conhecimento oral dos alunos e assim formar cidadãos competentes para utilizar a linguagem oral nos mais diversos momentos e situações da vida.

O professor e os gêneros textuais

O professor possui um papel fundamental na inserção dos diversos gêneros textuais em sala de aula e pode planejar atividades que possam agradar as crianças e que despertem o lado leitor delas. Nem sempre apenas uma opção de gêneros textual em alguma sala do ciclo de alfabetização agradará a todas as crianças, são tantos os gêneros textuais que cabe ao professor trabalhar vários textos de diferentes gêneros e assim cada criança poderá ter prazer para desenvolver atividades com o gênero que ela mais se identifica.

É importante o professor inserir os gêneros textuais em sala de aula, pois só assim o aluno entrará em contato com textos que são produzidos fora da escola. O trabalho com os gêneros em ciclos de alfabetização é um bom meio de alfabetizar, fazendo com que o aluno entre em contato com textos prazerosos que se adequem a seu gosto. O professor pode trazer textos do cotidiano do aluno para a sala de aula, fazendo assim com que eles possam utilizar os textos de maneira correta tanto dentro da escola, quanto fora dela e entendendo suas

particularidades e aproveitando ao máximo o que cada texto quer transmitir para o leitor.

O trabalho com gêneros textuais em sala deve ser contínuo, ou seja, o professor não pode trabalhar um texto apenas uma vez na semana e, exclusivamente, na aula de português. O professor possui a opção de trabalhar de maneira interdisciplinar, quando um tema envolve diversas disciplinas e conteúdos diversificados.

É interessante o professor optar por utilizar em suas aulas sequências didáticas que é um conjunto de atividades interligadas para trabalhar o gênero textual escolhido, pois assim o professor terá com seus alunos diversas oportunidades de entender o determinado texto, estudará suas características próprias e levará seus alunos a praticarem diferentes aspectos de sua leitura e escrita. Para Schneuwly e Dolz (2004), a sequência didática facilita o trabalho do professor com os gêneros textuais:

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...] tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação [...] As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 97-98).

Segundo o que os PCN de Língua Portuguesa afirmam o professor ao trabalhar a Língua Portuguesa com os alunos deve proporcionar no processo de ensino e aprendizagem o conhecimento necessário para relacionar-se de maneira produtiva com outras pessoas em diversas atividades comunicativas. Assim, é registrado que:

No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

Nesse eixo interpretativo, os professores têm uma ferramenta riquíssima em suas mãos, mas poucos usam esse instrumento de maneira que facilite o processo de aprendizagem. O uso dos gêneros textuais não pode ser utilizado de um jeito isolado em sala de aula, mas que tenha envolvimento no cotidiano dos alunos de maneira que faça sentido e que tenha ligação com as disciplinas que serão estudadas, pois quando se gosta do que se lê a aprendizagem torna-se dinâmica e significativa.

Portanto, é de fundamental importância que os professores dos ciclos de alfabetização estimulem as crianças a aprenderem a escutar e passem a inseri-las no mundo dos letrados, onde possam ter acesso aos diversos tipos de textos, pois os

gêneros textuais são de fundamental importância tanto para a alfabetização quanto para vida, pois com o contato desde cedo com a diversidade de gêneros textuais, as crianças se tornarão bons leitores e bons escritores.

O professor tem um papel fundamental para esse contato acontecer. Porém deve ter um bom planejamento, no qual possa inserir os gêneros em seus conteúdos e que seja de fato uma aprendizagem significativa, levando em consideração o gosto de cada aluno do ciclo de alfabetização e proporcionar meios para que os alunos entendam de fato os gêneros e deem significado a eles desde a alfabetização.

Metodologia

Pesquisar é o ato de buscar novas informações que gerará novos conhecimentos em uma determinada área. Ela é uma via de conhecimento e informações que servirá para o progresso de várias pessoas presentes nos grupos científicos, cultural, tecnológicos e entre outros.

Através da pesquisa que geraremos o conhecimento necessário para que possamos compreender melhor algumas situações. Ela tem que estar presente na nossa vida, pois sem ela não haverá respostas para nossas indagações. Seu conceito envolve, além de levantamento de informações, a construção de um novo conhecimento.

O tipo de abordagem da pesquisa utilizada nesse trabalho foi qualitativo, onde possui caráter exploratório, sendo um método de análise científica, que tem o foco voltado para o caráter subjetivo do elemento analisado, compreendendo assim, as suas particularidades e experiências particulares.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (p. 22), ou seja, a pesquisa qualitativa vai à busca das características do determinado objeto de estudo.

A pesquisa de campo não é uma simples coleta de dados, é a hora que você estará inserido em campo para verificar se tudo que foi colocado na pesquisa bibliográfica está sendo seguido na prática. É um meio de verificação sobre o que foi posto, organizados por objetivos preestabelecidos que deixam explícito o que deve ser observado.

A duração dessa pesquisa de campo foi de 40 (quarenta) horas, e se constituiu em quatro fases. A primeira fase da pesquisa era voltada para a observação do uso dos gêneros textuais em ciclos de alfabetização. Realizamos a observação em turmas de 2º e 3º anos do primeiro ciclo.

Após a fase de observação, iniciamos às entrevistas com as professoras sobre a organização do trabalho pedagógico, com a inclusão dos gêneros textuais em suas aulas. Após as observações e as entrevistas, realizamos a análise documental, onde estavam inclusos os planos de aula dos professores e o projeto político pedagógico da instituição.

A pesquisa realizada foi um estudo de caso que se trata de uma forma particular de estudo, na qual o pesquisador escolhe o objeto a ser estudado. Segundo Yin (2005) trata-se de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidos.

As entrevistas foram realizadas com as professoras dos ciclos de alfabetização acerca de entender melhor como seria o uso dos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização. Com a realização dessas entrevistas, percebemos que as duas entendem o quão é importante à utilização dos gêneros textuais em sala de aula. Porém, a professora do terceiro ano não os usa com tanta frequência, pois prefere seguir o que o livro didático sugere. Já a professora do segundo ano, de acordo com as entrevistas e as observações em sala de aula, deu para perceber que em suas aulas o uso dos gêneros textuais é mais predominante.

Reconhecendo a necessidade da realização da observação participante, uma escola Municipal do município de João pessoa foi o local escolhido para a realização de toda a pesquisa de campo. A escola foi escolhida por boas experiências que vivenciadas na mesma, em outras situações, como foi o caso dos Estágios Supervisionados I, III e IV, que realizamos na instituição. A pesquisa foi realizada em duas salas do ciclo de alfabetização, segundo e terceiro anos, pois tivemos o interesse de saber se nessas turmas as professoras utilizavam os gêneros textuais com frequência e se os alunos gostavam da utilização deles em sala de aula. Essas observações foram realizadas no período de duas semanas no turno vespertino.

A escola foi muito receptiva com relação a nossa chegada e nos acolheu muito bem. Explicamos o que queríamos fazer nas salas de aula e fomos até as salas escolhidas para nos apresentarmos as professoras. Na primeira semana, ficamos com a turma do segundo ano, onde foram complementadas as 20 (vinte) horas de observação e na semana seguinte com a turma do terceiro ano, onde foram complementadas as outras 20 (vinte) horas. A chegada às duas turmas escolhidas para realização da pesquisa foi muito boa. As professoras nos receberam muito bem.

Porém, na turma do terceiro ano é bem rara a utilização dos gêneros textuais, apesar do ambiente alfabetizador conter o cantinho da leitura, alfabeto,

quadro do clima e ajudante do dia, a professora não os utilizam e com relação as suas atividades e conteúdos ministrados só trabalha com o que o livro didático propõe e o que acha que as crianças poderão gostar e estão inclusas atividades impressas, que envolvem cruzadinhas e até caça-palavras.

Já na turma do segundo ano, não possui um ambiente alfabetizador bem planejado, as paredes possuem apenas cartazes de duas atividades recentemente realizadas pelos alunos, que já estão até descolando, porém, a professora procura atividades que envolvam a leitura de livros de histórias, contação de histórias realizada pelos alunos e que tenha associação com os conteúdos ministrados.

Assim sendo, a partir de todos os dados gerados a partir dos instrumentos de coletas de informação, a seguir socializamos os nossos resultados da pesquisa desenvolvida.

Resultados e Discussões

Incluir em seu ambiente e em suas práticas o uso dos diversos tipos de material escrito presentes na sociedade em que os alunos estão inseridos, na tentativa de assim contribuir para a formação de crianças capazes de ler e escrever com mais autonomia, competência e criticidade é a contribuição de trabalhar com gêneros textuais em sala de aula.

Quando as professoras foram questionadas sobre a frequência em que elas utilizavam os gêneros textuais em sala de aula, as respostas foram as seguintes:

Bem, geralmente eu insiro sempre. Porque os livros nesse aspecto estão até sendo contemplados os gêneros, sabe? Ele traz bilhete, ele traz fábulas, ele traz biografia. Então assim, os livros didáticos eles trazem vários gêneros textuais, então assim, na medida em que a gente vai trabalhando está no plano de curso vai sendo trazido (Professora do segundo ano).

A gente tem a cada bimestre, estudamos no mínimo três gêneros textuais. Eu optei de fazer os gêneros textuais depois que eu der todo o conteúdo da gramática, então, geralmente a cada quinze dias, vinte dias eu insiro um gênero textual na minha sala de aula (Professora do terceiro ano).

Percebemos que a professora do terceiro ano não sabe ou não quer fazer a ligação entre o assunto ministrado com os gêneros textuais, apesar de o livro ter uma grande quantidade sugestão de gêneros para se trabalhar em sala de aula. Ela prefere ministrar o conteúdo sem a inserção dos gêneros, pois para ela é mais importante ensinar a gramática. Os gêneros textuais compõem uma ferramenta de aquisição de conhecimentos discursivos tanto para professores, quanto para os alunos em sala de aula. Diante disso, Schneuwly e Dolz (2004) afirmam:

[...] é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são

progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre, os gêneros, quer se queiram ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 51).

O uso dos gêneros textuais em sala de aula contribui para o processo de aquisição do conhecimento nas crianças. Diante disso, perguntei as professoras qual a contribuição da utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização. As respostas foram essas:

Contribui bastante, porque quando é um gênero que entra no agrado dos meninos. A questão da fábula que tem aquele encanto todo que tem os animais que falam e a gente trabalha a questão de encenação, produção de desenho, já começa a estimular bastante os meninos para querer escrever, pegar o livrinho paradidático para querer ler, decifrar aquelas palavras, ver o que está acontecendo naquilo ali. Acho que tem uma contribuição positiva trazer os gêneros (Professora do segundo ano).

A questão deles conhecerem, quando eles estiverem lendo um jornal, ou uma revista eles vão saber identificar, e dizer: ah, acho que já vi isso! Isso se trata de uma biografia! Essas historinhas se tratam de contos. Então essa é a questão do uso, da utilidade dos meninos quando verem um cartaz, saber o que é um cartaz, deles saberem identificar, dá nome aquele cartaz, a aquela escrita (Professora do terceiro ano).

Quando o aluno entra em contato com uma variedade de textos associados aos conteúdos ministrados, a aprendizagem se torna significativa. É importante ter vários tipos de gêneros em sala de aula, pois só assim o professor vai visualizar qual mais agradou a turma, poder trabalhar com aquele texto e inserir mais gêneros textuais para que os alunos saibam reconhecer de que aquele gênero se trata. Diante de tanta importância, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem que no ensino de Língua Portuguesa esteja presente os gêneros, de maneira que:

[...] Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (BRASIL, 1998, p.23, 24).

Diante da importância do uso dos gêneros textuais em sala de aula, questionamos as professoras sobre quais os gêneros que elas mais utilizam. As respostas foram as seguintes:

Eu gosto muito de trabalhar com bilhete, fábulas, poesias, são os que eu mais utilizo. Utilizo e gosto (Professora do segundo ano).

Cartaz, reportagem, agora eu vou utilizar muito a biografia, porque a gente vai fazer a biografia de

quem deu a origem ao nome da escola e vou usar a questão do projeto escola nota dez que é de José Lins do Rêgo e conto infantil. São os que eu mais uso (Professora do terceiro ano).

O trabalho com os gêneros textuais variados faz com que os alunos se interessem mais pela aula, pelos conteúdos ministrados e com isso melhorará a aprendizagem. Dolz e Schneuwly (2004) acreditam que somente:

[...] Uma proposta de ensino-aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 41).

Perguntamos as professoras se elas percebiam se os alunos se envolviam mais ao trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula. E as respostas foram:

Sim, se envolvem, gostam mais do que de coisas aleatórias (Professora do segundo ano).

Quando é uma atividade bem planejada e trabalhada, sim. Quando algo para chamar a atenção deles, quando você trabalha com pesquisa, quando você pede para eles pesquisarem aquele gênero textual, quando você pede para eles recortarem, colarem, aí sim eu sinto que dá mais fluidez ao trabalho. Que eles compreendem mais o gênero textual (Professora do terceiro ano).

Inserir no seu cotidiano os gêneros textuais é importante, porém, na maioria das vezes não isso que acontece. E não adianta o professor inserir, mas não ter um planejamento associado ao uso dos gêneros. A inserção dos gêneros nas aulas contribui para melhorar a aprendizagem, tornar os alunos com senso críticos e leitores e escritores que possuem autonomia. Segundo Santos e Albuquerque (2007):

[...] a garantia do acesso à leitura e produção de diferentes gêneros textuais por si só não assegura a construção de sujeitos leitores e escritores autônomos. [...] e ainda chama a atenção de que se pode ser letrado sem ser alfabetizado. Em ambos os casos, não há a construção de sujeitos leitores e escritores autônomos (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 98).

Indagamos as professoras qual o gênero que elas mais trabalhavam e por que. As repostas foram:

Acho que poesia, música, porque tem a questão da rima, fica um texto gostoso de você trabalhar, de você ler, de você cantar. Os meninos pegam com mais facilidade, aí já facilita mais a leitura das palavras (Professora do segundo ano).

O que eu mais trabalho é a questão da faixa etária deles que eu trabalho muito a leitura é o conto infantil. Aí isso é porque eu trabalho bastante, porque é o meio de chamar a atenção deles para o gênero textual,

para a leitura é usando o gênero textual conto infantil (Professora do terceiro ano).

Os gêneros são produtos sociais heterogêneos, o que possibilita infinitas construções de linguagem possíveis e diversas opções de se trabalhar em sala de aula, portanto seu conhecimento é necessário para a produção-recepção de um texto. Diante disso, Dolz e Schneuwly (2004b) afirmam:

Na ótica do ensino, os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos. Em relação à extrema variedade das práticas de linguagem, os gêneros podem ser considerados entidades intermediárias, permitindo estabilizar os elementos formais e rituais das práticas. Assim, o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e recepção de textos. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 172).

Desse modo, quando o professor faz uso do gênero textual em suas aulas, o trabalho se torna mais prazeroso para o aluno. Para que resultados positivos aconteçam, é de fundamental importância o educador ter um bom planejamento e saiba utilizar em suas aulas relacionando com o conteúdo proposto.

Considerações finais

Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano de todos nós. Diante disso, trabalhar com os gêneros em sala de aula é preciso, pois, a partir da leitura e identificação deles, o professor estará formando leitores e escritores autônomos e com senso crítico. A alfabetização por meio dos gêneros textuais deixará o trabalho do professor mais didático e o interesse dos alunos será maior, com isso o processo de aprendizagem será melhor.

Com a inserção dos gêneros textuais com o propósito de alfabetizar, o professor tem que aliar suas práticas de alfabetização com o letramento. Essas duas práticas são indissociáveis, pois alfabetizar sem letrar é formar leitores que não compreendem o que está escrito, e já letrar sem alfabetizar, o aluno não conseguirá ler e escrever.

Esse trabalho teve por objetivo geral compreender como as professoras na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, a concepção sobre a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização delas é diferenciada também, pois a professora do segundo ano afirmou que as crianças se interessam pelo livro, ou o gênero trabalhado já vai querer tentar ler o que está escrito para não depender de um adulto. Já a professora do terceiro ano, acha

importante, pois os alunos irão saber identificar os gêneros estudados quando encontrar em alguma situação vivida.

Vale salientar ainda que a aula organizada pela professora do segundo ano é planejada no final de semana, utiliza o gênero textual de maneira lúdica e sempre faz uma atividade ao final de cada aula, pude perceber que os alunos conseguiam responder bem essas atividades. No período de observação na turma do terceiro ano, só verifiquei o uso dos gêneros textuais apenas uma vez, nitidamente não havia planejamento e ao final da explicação do conteúdo, as crianças tiveram muitas dificuldades em responder a atividade solicitada pela professora.

Portanto, percebemos o quanto os gêneros textuais são importantes no contexto da alfabetização nos ciclos, pois a partir dele os alunos têm novas possibilidades de aprender e de se tornarem leitores e escritores autônomos e críticos. A partir dessa pesquisa compreendemos que a alfabetização e o letramento não podem se dissociar, pois um processo complementa o outro e não existe uma alfabetização sem letramento. Acreditamos que essa pesquisa tenha dado uma contribuição para os profissionais de educação que possam utilizar mais os gêneros textuais em suas aulas, e assim refletir sobre uma educação melhor para os alunos do ciclo de alfabetização.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DOLZ, SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona). In: Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 41-70; 78; 172.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In.: DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- SANTOS, C. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Alfabetizar Letrando**. /organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. ed., Ireimp. –Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152 p. I S B N 8 5 - 7526 - 161 - 4 1. Disponível em: Acesso em: 38 maio de 2017.
- SOUZA, Cassia Garcia de Souza e MAZZIO, Lúcia Perez. **De olho no futuro: Língua Portuguesa**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2008 (Coleção de olho no futuro).